

RESENHA

NETTO, José Paulo. *Introdução ao estudo do método de Marx*. São Paulo: Expressão Popular, 2011 (64p.)

Lições de José Paulo Netto sobre o método em Marx

JEFERSON GARCIA *



A obra *Introdução ao Estudo do Método de Marx* foi publicada no ano de 2011, pela editora “Expressão Popular”, tendo como autor o professor José Paulo Netto, doutor em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1990) e que atualmente é professor titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro, considerado, por muitos, como um dos principais teóricos marxistas do Brasil na atualidade. Esta obra possui 64 páginas, tendo cinco tópicos principais: “interpretações equivocadas”; “o método de Marx: uma longa elaboração teórica”; “teoria, método e pesquisa”;

“as formulações teórico-metodológicas”; “o método em Marx”.

José Paulo Netto busca apresentar, de maneira introdutória, os elementos centrais que compõe o “Método de Marx” que, segundo o autor, é fruto de sua longa elaboração teórica, que se inicia em 1841, aos 23 anos, ao receber título de Doutor em Filosofia pela Universidade de Jena. Aqui já é exposto o caráter essencialmente histórico do método em Marx, que tem como momento basilar, o período entre 1843 e 1844, quando Marx entra em confronto com a filosofia Hegeliana, sob a influência materialista de Feuerbach, o que fez com que o revolucionário alemão começasse a traçar seu perfil de pensador, que pode ser observado em “Para a questão Judaica e a Crítica da filosofia do direito de Hegel. Introdução”. No entanto, isso tomou outros rumos após Marx conhecer Friedrich Engels (1820-1895) e suas formulações acerca da economia política, que fez com que Marx, mais especificamente a partir de 1844, deslocasse suas críticas da questão filosófica para a da economia política.

Marx realizou sua pesquisa tendo como problema principal a análise da sociedade burguesa com o objetivo de desvelar a sua estrutura e a sua dinâmica. Seu estudo se desenvolveu a partir da década de 1840, até sua morte,

primeiramente com os Manuscritos econômicos filosóficos de 1844 e, posteriormente, tendo seu ponto mais elaborado n'O Capital, de 1867. Esse processo histórico mostra que o método em Marx não parte de nenhuma descoberta genial, ao contrário, resulta de uma demorada investigação que, de fato, somente depois de quase 15 anos de pesquisas, Marx formulou com precisão os elementos centrais de seu método, formulação que aparece, principalmente, na "Introdução", redigida em 1857.

José Paulo Netto inicia sua exposição a partir da crítica às apropriações problemáticas e/ou equivocadas da obra de Marx. Tais apropriações, conjuntamente com as adulterações de sua teoria, partiram, em síntese, tanto dos seus seguidores, como de seus adversários e detratores. No campo marxista, as deformações da teoria de Marx tiveram por base as influências positivistas, principalmente nas compreensões de dois pensadores da Segunda Internacional Comunista: Plekhanov (1856-1918) e Kautsky (1854-1938). Tais influências se agravaram durante a Terceira Internacional Comunista culminando com a ideologia stalinista. O resultado disso foi uma representação "simplista da obra marxiana: uma espécie de saber total, articulado sobre uma teoria geral do ser (o materialismo dialético) e sua especificação em face à sociedade (o materialismo histórico)" (NETTO, 2011, p.12).

Desta "deformação" da teoria de Marx, um dos principais aspectos que se apresentam são as posições que "dizem" que a teoria de Marx coloca em primeiro lugar a questão econômica. Tal concepção reducionista nada tem a ver com o pensamento de Marx, tanto que, para referendar sua compreensão, Netto

(2011) faz uso de uma carta de Engels de 1890, na qual o filósofo esclarece que tal questão não faz parte de seu pensamento, muito menos do de Marx.

Visando discutir tais questões, o referido autor entende como imprescindível apresentar o papel da teoria na obra de Marx concomitantemente ao papel do sujeito na pesquisa. De acordo com Netto (2011, p.21), para Marx, "a teoria é o movimento real do objeto transposto para o cérebro do pesquisador – é o real reproduzido e interpretado no plano ideal (do pensamento)", ou seja, a teoria (conhecimento teórico) é o próprio conhecimento do objeto, de sua "estrutura" e "dinâmica". E esta reprodução (que constitui propriamente o conhecimento teórico) será tanto mais correta e verdadeira quanto mais fiel o sujeito for ao objeto.

Para fundamentar esta compreensão, é utilizada, na obra, a citação na qual, depois de demonstrar textualmente a argumentação de seus críticos e respondê-las, Marx (1988, p.26) observa que o método com o qual trabalha é o dialético, porém não exatamente a dialética Hegeliana, mas, o oposto: "Por sua fundamentação, meu método dialético não só difere do hegeliano, mas também é sua síntese direta [...] o ideal não é nada mais que o material, transposto e traduzido na cabeça do homem".

Tendo tal compreensão, Netto (2011, p.22) apresenta que o objetivo de um pesquisador deve ser a distinção entre "aparência e essência", ou seja, é apreender a essência (a estrutura e a dinâmica) do objeto. Numa frase, o método de pesquisa que, por meio de procedimentos analíticos, propicia o conhecimento teórico, partindo da aparência, visa alcançar a essência do objeto. Feito isso e operando a sua

síntese, o pesquisador reproduz, no plano do pensamento, ou seja, no plano ideal, a essência do objeto que investigou. Em toda pesquisa, parte-se da aparência e conforme avança a análise sobre a pesquisa, chega-se a conceitos e novas abstrações. Entretanto, o procedimento analítico não se encerra neste ponto, pois, após se obter as determinações mais simples, é necessário retornar ao objeto.

Para Marx, a teoria representa a reprodução do movimento real do objeto no plano do pensamento, assim, esta não se apresenta como um reflexo mecânico. Por isso, segundo Netto (2011, p.25), para Marx, ao contrário, o papel do sujeito é essencialmente ativo, pois cabe a ele apreender não só a aparência ou a forma dada ao objeto, mas a sua essência, que corresponde a sua estrutura e a sua dinâmica, como um processo. Desta maneira, o sujeito deve ser capaz de mobilizar um máximo de conhecimentos, criticá-los e revisá-los. Com isto, outro elemento essencial para a pesquisa é a capacidade de abstração do pesquisador, que nada mais é que “a capacidade intelectual que permite extrair de sua contextualidade determinada (de uma totalidade) um elemento, isolá-lo, examiná-lo; é um procedimento intelectual sem o qual a análise é inviável” (NETTO, 2011, p.44). Marx realiza isto com primazia em suas pesquisas, começando pelo real e pelo concreto, que aparecem como dados, mas que, pela análise, os elementos são abstraídos e consequentemente chega-se a conceitos e assim progressivamente.

Segundo Netto (2011, p.45), para Marx: “o conhecimento concreto do objeto é o conhecimento das suas múltiplas determinações”, assim, quanto mais se refletem as determinações de um objeto, tanto mais o pensamento reflete a sua

riqueza (concreção) real. As “determinações mais simples” estão postas no nível da universalidade, na imediatez do real, elas mostram-se como singularidades. Assim, o conhecimento do concreto opera-se envolvendo universalidade, singularidade e particularidade.

Neste processo, o sujeito deve utilizar-se dos mais variados instrumentos e também técnicas de pesquisa, desde a análise documental até as formas mais diversas de observação, recolha de dados, quantificação etc. Esses instrumentos e técnicas são meios de que se vale o pesquisador para apoderar-se da matéria, mas não devem ser de forma alguma, identificados com o método (NETTO, 2011).

A partir destes parâmetros, é imprescindível compreender a diferenciação do método de pesquisa e do método de exposição, pois, somente com a conclusão da pesquisa, é que o investigador apresenta, expositivamente, os resultados a que chegou. Sobre isso, Netto (2011, p.27) aponta: “como se vê, para Marx, os pontos de partida são opostos: na investigação, o pesquisador parte de perguntas, questões; na exposição, ele já parte dos resultados que obteve na investigação”.

O objetivo da pesquisa marxiana é conhecer as categorias que constituem a articulação interna da sociedade burguesa. Conforme Netto (2011, p.46), tais categorias são objetivas, reais, históricas e transitórias, sendo que as categorias próprias da sociedade burguesa só tem validade plena no seu marco (exemplo: trabalho assalariado). Por isso é necessário, conhecer a gênese histórica de uma categoria. No entanto, deve-se ter claro que a sua gênese não determina o desenvolvimento ulterior de uma categoria. Por isso, “o estudo

das categorias deve conjugar a análise diacrônica (da gênese e desenvolvimento) com a análise sincrônica (sua estrutura e função na organização atual)” (NETTO, 2011, p.49).

Assim, seria um erro, de acordo a obra, compreender que há, em Marx, um método como um conjunto de regras formais que se “aplicam” a um objeto que foi recortado para uma investigação determinada sem, menos ainda, um conjunto de regras que o sujeito pesquisador escolhe, conforme a sua vontade, para “enquadrar” seu objeto de investigação (NETTO, 2011).

Por fim, o método implica uma perspectiva, do sujeito pesquisador, que o permita extrair do objeto as suas múltiplas determinações, que acontece conforme se avança no estudo, parafraseando Florestan Fernandes, “saturar o objeto pensado com as suas determinações concretas”. Além do mais, o método em Marx é indissociável da teoria. É impossível analisar o método sem a referência teórica. E é nesta conexão que se apresentam, em Marx, três categorias “teórico-metodológicas” que, de acordo com a obra resenhada, são nucleares no pensamento de Marx: totalidade, contradição e mediação. A primeira se deve a união dos complexos sociais que se estabelecem na sociedade, uma totalidade dinâmica que se articula à

categoria da contradição, devido a constante transformação da sociedade. Por fim, a categoria da mediação, que indica as relações estabelecidas são mediadas pela estrutura da totalidade. Sendo assim, ao articular estas três categorias, Marx estabeleceu sua perspectiva teórico-metodológica.

Esta obra, por mais simples que seja, devido ao próprio objetivo central (de caráter introdutório), possui uma importante contribuição para se pensar a teoria revolucionária de Marx e suas implicações para elaborar uma pesquisa a serviço da classe trabalhadora, a partir de uma clara visão de mundo, homem e sociedade. Com esses parâmetros, o autor trata de uma das questões mais polêmicas no campo da teoria marxista, trazendo esclarecimentos imprescindíveis a todos os leitores da obra de Marx, sendo iniciantes ou não. Por isso que este pequeno texto deve ser apreciado tanto pelos revolucionários ligados aos movimentos sociais, que buscam compreender a realidade social para nela intervir, quanto os iniciantes a leitura de Marx, dentro ou fora das universidades, para que ambos possam obter mais elementos para compreender o processo de elaboração do chamado método de Marx.

Recebido em 2013-03-02

Publicado em 2013-05-30

* **JEFERSON GARCIA** é mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá (PPE/UEM). Bolsista CAPES/DS.